



## Maurício Aragão Feijó ganhou mais um mandato de presidente da Fecomércio-MA

PAG. 4 e 5



Reeleito presidente da Fecomércio-MA, Maurício Aragão Feijó com o ex-presidente José Sarney

## Silvânia Tamer tomou posse como membro efetivo da Academia Poética Brasileira

PAG. 6

Divulgação



**SILHUETA**  
de um casal de  
namorados em  
momento pleno de  
romantismo e beleza,  
tendo o mar como  
cortina de fundo

**A**inda existem portões e não se trata de nostalgia. O casario domina o território da nação, apesar das imagens de megalópoles feéricas e a onipresente síndrome dos edifícios. E por mais que se fale em mudança de costumes, a unidade familiar é hegemônica, com seus encaminhamentos tradicionais. Tenho visto casais grudados na fronteira entre a casa e a rua e não noto nada de diferente do tempo em que também participei desse jogo de cena, em que os corpos e mentes ensaiam uma sintonia, sob a guarda de olhos atentos.

O que mudou um pouco foram as roupas. Não usávamos bonés e as meninas privilegiavam os vestidos e não as calças compridas. Diminuiu a diferença nas aparências, por força dessa uniformização ditada pelo ganho de escala da indústria de tecidos e roupas. Enquanto as passarelas exibem peças de arte, em modelos propositadamente mínimos (para que se destaque a obra), que são mais para serem vistas do que usadas, sobra por todo canto a indumentária chapada em suas leis rígidas: tênis, camiseta, casaco, blusa.

Não mais o farfalhar de saias, os joelhos unidos no caminhar em tubos justos, plissés encimando meias brancas até a uma altura tentadora. Ou mesmo cintos que estrangulavam cinturas, espalhando, em consequência, as curvas que navegavam ao ritmo de animadas melodias, só ouvidas pela admiração datada, a que pega fogo nos verdes anos prin-

## NAMORO

### ou o jogo de cena em que os corpos e mentes ensaiam uma sinfonia

cipalmente. Também ficaram de fora, para os rapazes, as bainhas italianas, a emprestar charme ali pelo nível do tornozelo, as golas pontudas, os casacos de lã acompanhados às vezes por um lenço displicente imitando uma flor no peito ansioso.

Mas não importa. A moda serve para marcar o tempo e quando desaparece sabemos que fazia parte da pele e, se voltar, jamais será a mesma, pois os biotipos humanos mudam e talvez seja por isso que Humphrey Bogart não tenha substituído, nem Ingrid Bergman possa ser vista numa dobra de esquina. Mesmo assim, o que vale é o beijo roubado, o pega-pega onde a prudência estimula a emoção e cada gesto é um aviso no caminho tortuoso em direção ao amor.

Pois, para que haja namoro no portão, daquele tra-

dicional, é preciso, primeiro, haver mais limite do que atração. O portão é a representação dessa confluência entre a vontade e a permissão. O namoro fica sendo então um exercício de paciência, uma trilha complicada, uma gentileza entre as partes, esse passo além do flerte, que aproxima mas ainda mantém distância. Não seria simplesmente a farta avenida que promete liberdade, mas de fato entrega horizontes curtos. Um caminho difícil tem a promessa de paisagens mais amplas quando enfim se chega ao topo.

E o topo, para quem amargou o inverno ao relento, seria o sofá comum de uma sala acolhedora. É quando o portão enfim se abre para as apresentações do entorno: irmão, irmã, pai, mãe, tia, avó, cachorrinho. As mãos dadas já são oficiais. Os beijos em público, tolerados. E os interrogatórios, insisten-

tes. Um namorado firme precisa ter um arsenal de respostas para o caso de investigação acima de suas forças. Era assim antigamente e deve continuar sendo, ainda mais que as suspeitas, a violência, as armadilhas se multiplicaram. O que era apenas sugestão virou realidade.

O namoro se conjuga fora dos domínios do verbo ficar, que é mais antigo do que andar a pé, pois o grude instantâneo e sem consequências sempre se infiltrou nas festas da moçada. Talvez não esteja mais direcionado diretamente e de maneira exagerada para o casamento. Diante da escassez de relações humanas duradouras e respeitadas, um acordo que se quer monogâmico e que ultrapasse o momento inicial do toque, sempre é bem-vindo. Um casal é mais tranquilo do que uma turma, mesmo que muitos casais se enturmem para fazer algo fora dos olhares temerosos.

Uma ligação a dois ser reconhecida pela comunidade etária dos envolvidos é sempre uma vantagem para quem anda a esmo pelas ruas ou noites, preenchendo o tempo com experiências que nem sempre acabam bem. O encontro no portão é o sinal mais evidente de que algo há entre o garoto que saiu da sua casa em direção ao bairro da pretendente, e da moça que aguarda a chegada do forasteiro que pretende roubar-lhe o coração. Mesmo que digam que isso é coisa do passado. Não é. Quando vejo uma cena dessas, acredito que nem tudo está perdido.

Fotos/Divulgação



## SONS QUE DEFINIAM A VIDA COTIDIANA DA CIDADE

São Luís já teve sons que definiam a vida cotidiana da cidade. Muito antes dos aplicativos de entrega, do trânsito permanente e dos celulares tocando dentro dos ônibus, a cidade possuía uma espécie de trilha sonora própria: o apito do amolador de facas atravessando as ruas do Centro Histórico, o ruído metálico das oficinas, o compasso das máquinas de costura e o vai-e-vem dos pequenos ofícios artesanais espalhados pelos bairros desta Capital.

Boa parte dessa paisagem sonora praticamente desapareceu.

E é justamente essa memória que precisa reaparecer de forma fascinante. Já há um movimento na cidade com o objetivo de falar do desaparecimento de certas profissões, mas também registrar “toda a beleza do processo de produção manual”, em que “o barulho das máquinas” também se transformava em contador de histórias.

Durante décadas, o som do amolador fez parte da rotina doméstica da cidade de São Luís. Bastava ouvi-lo ao longe para que moradores corressesem até o portão com facas, tesouras e instrumentos que precisavam ser afiados. Era uma cidade onde os serviços ainda vinham até a porta das casas e em que muitos trabalhadores sobreviviam exclusivamente da circulação pelas ruas.

Outro universo sonoro era o ruído constante das máquinas de costura, dos telefones tocando e da movimentação intensa de clientes entrando e saindo das lojas. Há ainda o universo das pequenas oficinas domésticas, como a do ourives. Ainda ecoam os sons das pequenas máquinas usadas na produção manual das joias.

O mais curioso é perceber como a modernização da cidade não eliminou apenas profissões: ela eliminou também sons, ritmos e hábitos urbanos inteiros. São Luís perdeu o assobio do amolador, os fotógrafos lambelam das praças, os vendedores de enciclopédia, os técnicos de máquina de escrever e inúmeros outros personagens que davam personalidade às ruas desta Capital.

A simples lembrança dessas profissões acaba funcionando, sem querer, como uma cápsula sonora da São Luís antiga. Uma São Luís onde o trabalho manual ainda tinha espaço, onde as oficinas eram pequenas, onde os comerciantes conheciam os clientes pelo nome e onde a cidade produzia sons que hoje sobreviveram apenas na memória dos mais velhos.

Talvez por isso o desaparecimento desses ofícios provoque tanta nostalgia. Quando some o som de uma profissão, desaparece junto um pedaço da própria cidade.



### De saudades e ternura

**1 Receio que se agrava a minha desmemória.** Antes, esquecia poemas, letras de música, trechos de Machado de Assis. Agora, não consigo lembrar os versos de um tango ou uma declaração de amor. Dia desses tentei evocar a letra da segunda estrofe do Hino Nacional e falhei miseravelmente. Só recordava o “Deitado eternamente em berço esplêndido ao som do mar e à luz do céu profundo”, mas ficava por aí. Menos mal que a minha desmemória é seletiva. Não esqueço certos capítulos do meu livro inédito Diário de Memórias.

**2 Paris, 1982.** Saio do Le Danton e a mais bela das garotas loiras da França segura delicadamente a minha mão e me conduz, junto com outros rapazes e moças, para a cripta da igreja de Saint-Sulpice, onde todos cantam louvores ao Divino Espírito Santo.

Bate em mim uma paz tão bonita que gostaria de ficar ali pelos séculos dos séculos.

**3 Éfeso, Turquia, 2002.** Contemplo o anfiteatro grego de 20 mil lugares dispostos em semicírculo e, encantado com aquela perfeição de formas que os milênios não abalaram, mal sinto aproximar-se de mim uma amiga que simplesmente me diz: “Te lembra? Ambos assistimos a Édipo Rei bem naquela terceira fleira de lugares”.

**4 Nova York, 2001.** Assisto a O Fantasma da Ópera na Broadway e, fascinado pelo espetáculo e pela música, no intervalo me ofereço uma dose de Jack Daniel’s on the rocks. Naquele momento, foi o melhor uísque que já provei em minha existência sobre a Terra. É que depois dele, o musical ganha uma nova sonoridade.

**5 Berlim, 1984.** Estamos no Viktoria Park e então uma doce brandura baixa sobre mim. Somos cinco reunidos ao redor de uma mesa – e a noite é tão suave como deveriam ser todas as noites de verão. Trocamos ideias sobre a próxima parada da viagem, lembramos episódios e personagens que marcaram visitas a outras cidades, e aí baixa sobre nós um súbito silêncio. Somos de estados diversos e distantes e talvez nunca nos voltaremos a ver.

**6 Costa Oeste, 1991.** O Pacífico se estende infinito como o universo. Em algum lugar desta imensidão estão as Ilhas dos Mares do Sul, tão bem descritas por Somerset Maugham. Somos sete numa van e, a certa altura, decidimos descer à praia. São rochas e areias, nada parecido com o Araçagi. É quando a moça do interior de São Paulo me dá um beijo na face. Não lhe pergunto por quê. Para certos gestos, só há a explicação da ternura.

**7 Receio que se agrava a minha desmemória.** Mas nela haverá sempre lugar para a ternura.

### Som ambiente ou ruído?

Estava dia desses num dos meus restaurantes preferidos em São Luís quando notei que algo me irritava. Percebi que tinha de repetir o que falava para as pessoas ao lado e à frente na mesa, porque a música ambiente, emanada de uma playlist, tornava opacas as vozes de todos. Pelo menos a comida compensava, pensei.

Só que precisamos falar sobre isso. Está difícil ir a um lugar descolado sem que a música ocupe todos os espaços, transformando as vozes dos frequentadores num zumbido difícil de traduzir. Desde quando o som ambiente se tornou ruído?

Quando se trata de lounge music (música de sofá, em inglês), com seu potencial para sonolência e relaxamento, ainda vá lá. Mas é difícil conversar em meio a notas metálicas de rock, à bateria do samba ou aos uivos de amores perdidos emanados pelos artistas do sertanejo.

Se é ruim e surpreendente num restaurante de comida a quilo, imagine em bares com música ao vivo. Desenvolvi alergia. Dou uma desculpa e não vou cada vez que amigos meus decidem comemorar aniversário em locais com banda em alto

volume – e, sim, é possível saber só pelo cartaz ou pelo nome se o repertório vai ser estridente. Acho sem fundamento rever pessoas com quem não convivo há tempos e ficar o tempo todo gritando para tentar resgatar alguma atenção, para atualizar o básico da nossa relação, para trocar afetos e impressões. Não combina com instrumentos de sopro, percussão ou corda.

Só que vezes também podem incomodar (lá vem o ranzinza, já deve estar pensando o leitor). Noite dessas, eu e um casal amigo fomos a um dos famosos recantos de jazz em São Luís. Um local de música em volume baixo, sem grandes amplificações, em que artistas com vozes roucas falam de vícios e decepções amorosas num tom quase sussurrante, em meio a instrumentos que não tiram o brilho do cantor (e da cantora). Só que o fluxo incessante de pessoas no ambiente externo, com suas conversas paralelas sobre trivialidades do cotidiano, tornava quase impossível escutar a música. Fui embora cedo. Onde foi parar o bom senso? reclamei, antes de repensar minhas saídas noturnas e até as diurnas.

### Quem lê viaja por dimensões impensadas

O ato de ler é carregado de significado e de perspectivas. A escrita é uma conquista da humanidade e muito do acúmulo da nossa cultura, evolução, memórias e descobertas se deve a ela.

Até a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg na Alemanha, na primeira metade do século XV, no período compreendido entre os anos de 1439 e 1440, era primordial ser um bom ouvinte e um bom narrador como forma de preservar narrativas e histórias.

A partir de então, a essas categorias tão importantes, juntou-se a relevância de ser um bom leitor. Nesse aspecto, a alfabetização tornou-se primordial. E nunca mais deixou de sê-la.

Foi a partir da palavra impressa que o livro entrou em nossas vidas. E veio para trazer informações, formação, refinamento, entretenimento, incentivo para a vida, resgates pessoais e coletivos, enfim, uma gama variada de aprendizados em todas as áreas do conhecimento.

Ser um decodificador das escritas passou a ser um atestado de habilidades para viver com mais independência intelectual e autonomia, formando a própria visão de mundo.

Nessa esteira, o desafio de aumentar o número de leitores é um jogo de ganha-ganha para todos, pois a coletividade vai ficando com mais ativos em todos os sentidos, inclusive quanto à coesão do seu tecido social e à harmonia necessária para que seus membros interajam entre si, com valores positivos e um senso crítico fundamental para o exercício da cidadania.

Em tal contexto, vem em boa hora a informação de que o país teve um aumento do seu público leitor, com a expansão do montante de consumidores de livros, que teve um incremento e chegou a 18% da população.

Esse indicador se refere a 2025 e considera brasileiros maiores de idade. Os dados foram divulgados pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) na quinta-feira.

Quem lê viaja por dimensões impensadas, descortina horizontes e ajuda a construir um Brasil melhor todos os dias.

## O crime organizado

Contestar a decisão do governo dos EUA de classificar as facções PCC e Comando Vermelho como organizações terroristas passa longe de minimizar os problemas causados por esses grupos ao Brasil e aos brasileiros.

É incontestável que essas megaquadrilhas cresceram e se sofisticaram nos últimos anos, a despeito das constantes operações policiais e de outros órgãos públicos que capturam lideranças, sequestram ativos e desmantelam esquemas.

O volume de dinheiro movimentado pelo crime organizado é astronômico e os prejuízos que causa à economia são colossais. São cifras que escancaram o poder que as facções adquiriram e reforçam a necessidade de o país combatê-las de forma mais eficaz.

## O crime organizado...2

A partir de uma sondagem que fez com 1,4 mil empresas no ano passado, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) estima que o crime impacte as fábricas em ao menos R\$ 107 bilhões ao ano. Desse total, R\$ 39 bilhões são perdas pela concorrência com produtos irregulares e outros R\$ 68 bilhões por custos com segurança privada.

Conforme o Ministério Público de São Paulo, o faturamento do PCC apenas em negócios da economia real é de R\$ 12 bilhões anuais. A Operação Carbono Oculto identificou R\$ 46 bilhões em operações da facção paulista por meio de fintechs entre 2020 e 2024. Só nos últimos três meses, o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) detectou R\$ 44,1 bilhões em movimentações possivelmente vinculadas a grupos criminosos do Rio.

Estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2025, mostrou que em 2022 o crime organizado faturou R\$ 146 bilhões em negócios com combustíveis, bebidas, cigarro e outros ramos, ante R\$ 15 bilhões em drogas.

## O crime organizado...3

Não há segmento da economia formal capaz de garantir estar imune à infiltração das facções, que usam empresas de fachada para lavar dinheiro. Essa percepção de contaminação, ainda que inadvertida, é que fez soar o alarme do risco de sanções a partir da decisão norte-americana da semana passada.

O crime organizado atemoriza as populações dos territórios que controla, se internacionaliza, se imiscui em instituições, se diversifica e usa instrumentos tecnológicos, tributários, societários e de mercado de capitais complexos.

É uma profissionalização assombrosa, o que também exige qualificação dos órgãos do poder público investidos da tarefa de enfrentá-la.

## O crime organizado...4

Se há um aspecto positivo na celeuma instalada entre Washington e Brasília, é a possibilidade de o Brasil iniciar uma reação de Estado à altura da gravidade do problema.

Isso requer maior preocupação com compliance no setor privado e cooperação dos entes federados na troca de informações entre polícias, Ministérios Públicos, Receita Federal, Coaf e secretarias de Fazenda, além do intercâmbio com outros países.

O caminho inteligente da asfixia financeira depende de meios para seguir o dinheiro sujo. É preciso fortalecer a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em seu papel de regular e fiscalizar o mercado de capitais.

Deve avançar também a PEC que garante autonomia financeira ao BC. Vai ajudar a autoridade monetária a dispor dos recursos necessários para investir em tecnologia e capital humano capacitado para rastrear transações ilícitas.

## Mercúrio e proibição

O Ministério Público Federal (MPF) enviou nota técnica ao Congresso Nacional pedindo que seja aprovado projeto de lei proibindo, em definitivo, o uso de mercúrio na mineração em todo o território brasileiro.

No documento, o MPF lembra que o Brasil não produz a substância e que o material usado hoje nos garimpos do País, especialmente na Amazônia, entra ilegalmente em solo brasileiro.

Segundo dados da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e do Instituto Escolhas, entre 2018 e 2022 cerca de 185 toneladas de mercúrio de origem desconhecida entraram clandestinamente em nosso território, vindas principalmente da Bolívia, do Peru e da Guiana.

## Meio ambiente e justiça

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) realiza no período de 8 a 12 de junho a segunda edição da Semana da Pauta Verde. Coordenada pelo Fórum Nacional do Poder Judiciário para o Meio Ambiente (Fonamb), a ação vai incluir tribunais da Justiça Federal e Estadual de todo o País.

O objetivo é acelerar a tramitação de processos que envolvam questões ambientais, especialmente aqueles com maior impacto coletivo.

O CNJ estima que neste ano, durante a semana, serão avaliados 5,2 mil processos na Justiça Federal e mais de 26 mil nos tribunais estaduais.

Entre os temas, gestão de resíduos sólidos, saneamento básico, poluição, regularização fundiária, proteção de áreas ambientais e impactos de grandes empreendimentos.

## Meio Ambiente

Na sexta-feira, 5 de junho, foi comemorado, aqui e alhures, o Dia Mundial do Meio Ambiente.

No Maranhão, os promotores do evento nunca lembraram de homenagear um cidadão que enquanto viveu se dedicou de corpo e alma ao paisagismo de São Luís.

Nascido em Pernambuco, mas maranhense de coração, Francisco de Paula Gomes, que teve entre seus amigos e inspiradores o grande Burtel Marx, era um paisagista nato e que tinha como preocupação maior dar vida e beleza aos jardins públicos desta cidade, praticando um gesto nobre em proveito da saúde da humanidade.

Como servidor público, Paula Gomes já deveria ter sido, há muito tempo, homenageado pela prefeitura de São Luís ou pelo Governo do Estado.

Não custa nada colocar o seu nome num colégio da rede escolar. Ou numa das ruas desta Capital.

Fica a sugestão.



Ana Paula Duarte (Salud Cuidar Mais) e o médico pediatra Thiago Castro

## Congresso Autismo 2026

A quarta edição do Congresso Autismo 2026 trouxe para a capital maranhense profissionais de renome nacional e internacional especializados no Transtorno do Espectro Autista.

O evento, que já se consolidou por

focar em conhecimento técnico, experiências práticas e reflexões sobre os desafios e avanços ao TEA, foi sucesso de público com a presença de mais de mil pessoas, entre familiares, estudantes e profissionais que lutam pela inclusão.



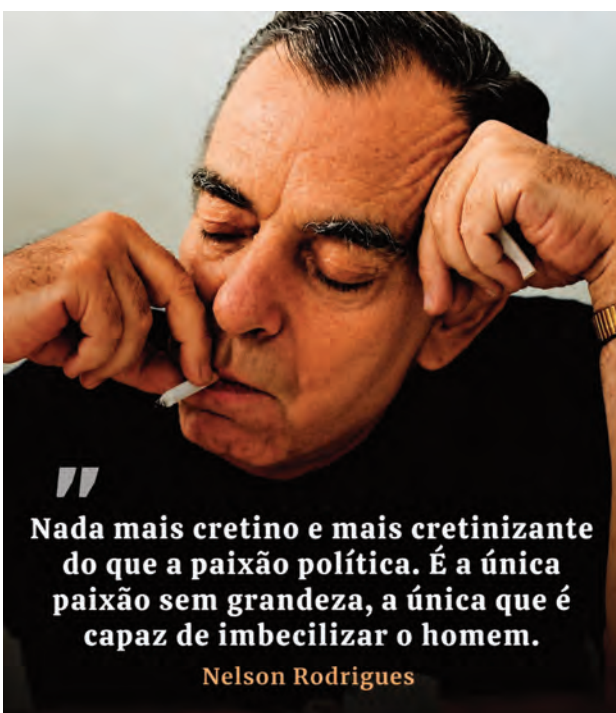
O médico italiano Salvatore Rinaldi, referência mundial da neuromodulação com Ana Paula Duarte



Felipe Fortes, médico Hebiatra, especialista em saúde do adolescente



A psicóloga Pamela Magalhães e Ana Paula Duarte



“Nada mais cretino e mais cretinizante do que a paixão política. É a única paixão sem grandeza, a única que é capaz de imbecilizar o homem.”

Nelson Rodrigues

## A ficção de Almodóvar

Recém exibido na competição do Festival de Cannes, de onde saiu com as mãos vazias, o novo filme do diretor espanhol Pedro Almodóvar já está em cartaz nos cinemas brasileiros.

Natal Amargo (Amarga Navidad, 2026) é o 24º longa-metragem de Almodóvar, 76 anos, cujos filmes já foram premiados em todos os principais eventos.

Tudo Sobre Minha Mãe (1999) ganhou o Oscar de filme internacional, o Globo de Ouro e o Bafta, além do troféu de direção em Cannes, e Fale com Ela (2002) venceu a categoria de roteiro original na premiação de Hollywood.

Cannes também laureou o roteiro de Volver (2006). Em Berlim, A Lei do Desejo (1987) conquistou o Teddy, para produções com temática LGBTQIA+. Veneza premiou o script de Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos (1988) e deu o Leão de Ouro a O Quarto ao Lado (2024).

## A ficção de Almodóvar...2

Baseado em conto do livro O Último Sonho (2024), do próprio Almodóvar, Natal Amargo é mais um filme que tem um cineasta como protagonista, a exemplo de A Lei do Desejo, Má Educação (2004), Abraços Partidos (2009) e Dor e Glória (2019). O maior parentesco é com esse último título.

Em Dor e Glória, Antonio Banderas faz um alter ego de Almodóvar, Salvador Mallo, um diretor de cinema sessentão que sofre com dores crônicas, bloqueio criativo e memórias da infância. É um exercício de autoficção como Natal Amargo, em que há dois cineastas, ambos lidando com suas dores e as dores dos outros e com os limites éticos da criação artística.

## A ficção de Almodóvar...3

Embalados pelas cordas nervosas da música de Alberto Iglesias, os créditos de abertura indicam o emprego da estrutura de mise en abyme, ou seja, a do filme dentro de um filme. Quem está digitando os caracteres, logo descobriremos, é outro alter ego de Almodóvar, Raúl Duran, personagem do argentino Leonardo Sbaraglia.

Raúl já fez seus melhores filmes, e agora parece viver só do seu prestígio. Após cinco anos sem filmar, está escrevendo um roteiro que espelha seus próprios dilemas criativos: ele pode transformar pessoas do seu convívio – como o jovem companheiro Santi (Quim Gutiérrez) e sua assistente de longa data, Mónica (Aitana Sánchez-Gijón) – e situações reais em personagens e histórias ficcionais?

– Estará tudo misturado com a ficção. Ninguém vai reconhecer – Raúl diz a certa altura.  
– Ele vai reconhecer – retruca sua interlocutora.

## A ficção de Almodóvar...4

A ficção que Raúl escreve se passa em 2004 e tem como protagonista Elsa Rosado (Bárbara Lennie, em atuação magnetizante). Ela já foi uma cineasta cult – muito adorada, mas por pouca gente –, e agora trabalha na publicidade, que lhe traz retorno financeiro. Foi assim que conheceu o namorado, o bombeiro Bonifácio (Patrick Casado).

Elsa tem enxaquecas terríveis, e durante uma crise precisa refugiar-se em uma casa nas Ilhas Canárias, para onde vai com a amiga Patricia (Victoria Luengo). Lá, ela também começa a escrever um roteiro para voltar a filmar.

Pedro Almodóvar narra em paralelo as histórias de Elsa e de Raúl. A medida que o filme avança, as tramas vão se espelhando e se mesclando, o que permite ao diretor trabalhar com alguns de seus temas mais frequentes: o luto e o processo criativo.

O embaralhamento metalinguístico entre a “realidade” e a ficção também suscita o que pode ser visto como um desnudamento autocrítico de Almodóvar, que expõe dúvidas, inseguranças e erros.

## Sonata e feminicídio

Fazemos com Cláudia Laitano quando lembra que na elegante definição de Italo Calvino, clássico é o texto que nunca termina de dar o seu recado.

Não interessa quando ou em que estilo a obra foi escrita, mas sua capacidade de continuar conversando com os leitores.

Sonata a Kreutzer (1889), uma novela curtinha de Tolstói, já era um clássico quando meu avô foi inventado, mas antes de entrar para o cânone literário o livro arrepiou os cabelos dos cidadãos de bem.

Foi preciso um tête-à-tête entre Sofia Tolstói, mulher do escritor, e o czar Alexandre III para que sua publicação fosse autorizada como parte das obras completas de Tolstói – mas não como volume independente.

## Sonata e feminicídio...2

A censura parcial acabou aumentando o interesse pelo novo livro do autor de Guerra e Paz (1869) e Anna Karenina (1877) – aquela altura já famoso no mundo todo.

Nos Estados Unidos, onde a carolice literária grassa até hoje, a publicação de Sonata a Kreutzer também foi proibida, o que não impediu que algumas editoras driblassem a censura, aproveitando o perfume de escândalo em torno da obra para turbinar ainda mais as vendas: “Leia o livro proibido pelo governo russo e pelos Estados Unidos!”

Não é difícil entender por que a novela chocou tanta gente. Na superfície, trata-se de mais uma trama de ciúme com final trágico, como tantas em que a mulher, tendo ou não traído o marido, acaba definhando (Dom Casmurro, Primo Basílio), se matando (Madame Bovary, Anna Karenina, São Bernardo) ou sendo morta (Oteló, O Túnel). Era essa a memória que eu guardava da primeira leitura: a paranoia do marido, as discussões violentas do casal, o assassinato, a absolvição.

## Sonata e feminicídio...3

Relendo Sonata a Kreutzer agora, me dou conta de que a narrativa vai muito além dos dramas de ciúme convencionais – tanto na investigação da psicologia masculina quanto no retrato da posição da mulher na sociedade.

Tolstói diz ali o que nunca havia sido dito antes com tanta ênfase: o amor é uma ilusão e só o desejo é real, casamentos são destinados ao fracasso, a maternidade é uma armadilha, as mulheres são tão oprimidas quanto escravos e judeus.

Pozdnyshv, o marido ciumento que narra a história, está consumido pela culpa e pelo desespero. No jorro de sua confissão, há afirmações delirantes, mas também muita lucidez.

Sonata a Kreutzer, que nunca deixou os leitores indiferentes, ganhou novos sentidos agora que o crime de Pozdnyshv tem nome: feminicídio.

Mais de 130 anos depois de Tolstói afirmar, através do discurso atormentado do seu personagem, que os homens precisavam mudar a maneira como viam as mulheres, o feminicídio continua uma praga mundial. O clássico de Tolstói, infelizmente, nunca foi tão atual.

## Cristo Redentor versus Estátua da Liberdade

O Cristo Redentor, um dos principais monumentos turísticos do Brasil, virou protagonista em uma nova propaganda de guerra feita pelo Irã contra os EUA. Após o governo do presidente Donald Trump ameaçar impor tarifas de 25% sobre mercadorias brasileiras na segunda-feira, a Embaixada iraniana na Tunísia postou na rede social X um vídeo feito com inteligência artificial que mostra o Cristo e a Estátua da Liberdade lutando.

Nas imagens, o famoso monumento americano, que fica em Nova York, se aproxima do cartão-postal do Rio de Janeiro, para lhe dar um soco. O Cristo, no entanto, para a agressão e atinge em cheio a estátua, que segue sendo derrotada e cai do alto da montanha em pedaços.



O ex-presidente da República, José Sarney, durante discurso

## MAURÍCIO FEIJÓ É RECONDUZIDO À PRESIDÊNCIA DA FECOMÉRCIO-MA

Nova diretoria foi empossada para a gestão 2026–2030, reafirmando o compromisso com a defesa do setor produtivo e o desenvolvimento econômico do Maranhão.

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (Fecomércio-MA) realizou, no último sábado (30), no Teatro Sesc, a solenidade oficial de posse de sua nova diretoria para o quadriênio 2026–2030. O ato solene marcou a recondução do empresário Maurício Aragão Feijó ao cargo de presidente da instituição, após um mandato caracterizado pela expansão do diálogo com os setores produtivos e avanços institucionais significativos.

A cerimônia reuniu um expressivo público composto por lideranças empresariais, parceiros estratégicos e autoridades políticas locais e nacionais.

Um dos grandes destaques da noite foi a participação do ex-presidente da República, José Sarney, cuja presença chancelou o prestígio político e a relevância da federação perante a sociedade maranhense.

Durante os atos formais no palco do teatro, o presidente Maurício Feijó assinou o Termo de Posse e, em seguida, realizou a entrega dos diplomas aos membros eleitos que compõem o novo corpo diretivo. O momento formalizou o início dos trabalhos do grupo, que assume com o compromisso de dar continuidade à defesa do empresariado, à representatividade de mercado e ao fortalecimento de parcerias institucionais em todo o estado.

A governança executiva da nova gestão traz Wilson Estácio Maia como 1º vice-presidente, Manoel Antonio Souza Barbosa como 2º

vice-presidente e Antonio de Sousa Freitas como 3º vice-presidente. A composição da mesa diretora conta ainda com Ivanilde Sampaio da Silva na vice-presidência administrativa e José William Câmara Ribeiro na vice-presidência financeira.

O quadro de diretores efetivos empossados é integrado por Reginaldo Pacheco de Sousa, João Borges Lira, Antonio Sousa Pereira, Benilton Gonçalves Diniz, Antonio Íris de Oliveira, Antonio Josiel Santos Sousa, Joey Jacson Viêra, José Ivan Ferreira e Luís Joaquim Braga Sobrinho.

O suporte estratégico à diretoria será exercido por um corpo de suplentes composto por 14 membros, entre eles Michelinne Guimarães Feijó Bentes de Sousa, gestora que também coordena as ações da Câmara Empresarial da Mulher.

Para a fiscalização financeira e transparência da entidade, o Conselho Fiscal assumiu suas funções com os membros efetivos José Pereira de Santana, Maria dos Remédios Evangelista de Sousa e Rafael Mendes Alcântara Gomes, além dos suplentes Flordilix Almeida de Amorim, Ivaldo Miranda Campos e Nagib Câmara Ribeiro.

Após o encerramento dos protocolos e discursos oficiais no Teatro Sesc, os empossados, autoridades e convidados foram recepcionados com um jantar de confraternização e networking. O momento de integração empresarial

ocorreu na cobertura do Condomínio Fecomércio/Sesc/Senac, consolidando uma noite de conexões estratégicas para o futuro do comércio maranhense.

O ex-Presidente José Sarney fez questão de exaltar o papel histórico do comércio como a primeira atividade a alavancar a economia maranhense:

“Homenagear a classe dos comerciantes é homenagear todos aqueles que são produtores em nosso Estado. A primeira atividade econômica que tivemos no Maranhão foi a do comércio. É algo extraordinário o que o comércio fez pelo Maranhão. Foi essa atividade mercantil aquela que primeiro desenvolveu e aguentou o Estado até os fins do século XIX, quando então passamos a desenvolver atividades industriais. E toda a mão de obra da indústria veio da atividade comercial, que foi a grande base para todo o desenvolvimento econômico maranhense. A classe dos comerciantes teve o cuidado de preparar seus dirigentes em grandes centros fora do Brasil, formando-se assim uma elite empresarial, e que foi a primeira a pensar o Maranhão, e não apenas pensar no Maranhão, mas sim pensar o Maranhão” frisou José Sarney, dando uma verdadeira aula sobre a história econômica maranhense; e fazendo jus ao grande valor da atividade comercial, que até hoje é responsável por gerar milhares de empregos e aquecer a economia local”.



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, assinando o termo de posse



Maurício Feijó exibindo o termo de posse



O vice-presidente Wilson Estácio Maia



O diretor Antonio Íris de Oliveira



O diretor Antonio Sousa



O diretor Joey Jacson Viêra



O vice-presidente Manoel Antonio Souza Barbosa



O diretor João Borges Lira



O vice-presidente Antonio de Sousa Freitas



A vice-presidente administrativa Ivanilde Sampaio da Silva



O diretor José Ivan Ferreira



O diretor Luís Joaquim Braga Sobrinho



O conselheiro fiscal José Pereira de Santana



A conselheira fiscal Maria dos Remédios Evangelista de Sousa



O conselheiro fiscal Rafael Mendes Alcântara Gomes



O vice-presidente financeiro José William Câmara Ribeiro



O diretor Antonio Josiel Santos Sousa



O diretor Benilton Gonçalves Diniz



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, e o ex-presidente da República, José Sarney



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, e Ana Célia com a neta Maria Clara, o genro Anderson Bentes de Sousa e a filha e coordenadora da Câmara Empresarial da Mulher, Michelinne Feijó



A Dir. Regional do Sesc-MA, Rutinéia Monteiro e o arquiteto César Cardoso



Kamila Paixão e Cristiano Barroso Fernandes



Moacir Machado e Donizette



Manoel Barbosa, o ex-Pres. José Sarney e o Sec. Aparício Bandeira (Sinfra)



Arias Silva com a esposa Édila Neves da Silva, Adriana Vieira e o casal Carmem e Mauro Borralho de Andrade



O Dir. Sup. do Sebrae-MA, Albertino Leal de Barros e esposa Dine



Liliane Sousa, Maurício Feijó e Ribamar Cunha



Max de Medeiros e Manuella Oliveira (Sec. Mun. SMTT)



Socorro Noronha e Pedro Robson Holanda da Costa



Plínio Tuzzolo, Ana Célia Feijó e Luzeuma Mamede



Amadeu Araújo Costa e Fernanda Albuquerque



Benjamin Franklin Alves e Vanusa



O Dir. Regional do SENAC José Ahirton Batista Lopes com Zé Cirilo



Historiadora Clores Holanda e Ana Jacy do Egyto Holanda



Des. Lourival Serejo e Orquídea Santos



O ex-presidente da República, José Sarney, e a vereadora Magnólia Dias



O Dep. Fed. Márcio Honaiser e esposa



Ana Izabel Azevedo, Maurício Feijó e o presidente da ACM, Antonio Gaspar



Deputada Helena Duailibe



Danielle Vieira e a Sec. de Turismo, Socorro Araújo



José Oliveira e Goreth com Virginia e Roberto Albuquerque



Maurício Feijó e Lourival Serejo brindam com o ex-presidente Sarney

Fotos/Divulgação/ Mário Oliveira e equipe



Mhario Lincoln e Silvânia Tamer

## SILVÂNIA TAMER NA ACADEMIA POÉTICA BRASILEIRA

A Academia Poética Brasileira (APB) empossou, no dia 29 de maio de 2026, a marchand e curadora de arte Silvânia Tamer como nova integrante de seu quadro de sócios vitalícios, na cadeira de número 35.

A solenidade foi realizada no Centro Cultural SVT, em São Luís, reunindo representantes dos meios cultural, jurídico, acadêmico e literário.

O evento, presidido pelo jornalista Mhario Lincoln, contou com a presença do presidente da OAB Maranhão, Kaio Saraiva; do professor e juiz federal aposentado Alberto Tavares, presidente da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, Luís Augusto Guterres, presidente da Academia Maranhense de

Cultura Jurídica, Social e Política, Sergio Tamer, além de magistrados, membros do Ministério Público, advogados, educadores, profissionais liberais, artistas, escritores e poetas.

A cerimônia foi marcada por momentos de emoção e celebração da cultura, da literatura e da poesia.

Em seu pronunciamento, o presidente da Academia Poética Brasileira, Mhario Lincoln, com valiosas inserções do vice-presidente Edmir Martins, destacou a trajetória de Silvânia Tamer nas artes e na cultura, ressaltando sua relevante contribuição para o fortalecimento e a valorização da produção artística no Maranhão, no Brasil e além de suas fronteiras.

Um dos momentos mais marcantes da noite ocorreu

durante o discurso da nova confrreira, ao afirmar que a poesia possui uma força singular, capaz de alcançar lugares da alma onde, muitas vezes, a razão não consegue chegar. Segundo ela, a poesia acolhe, emociona, denuncia, eterniza memórias e nos permite enxergar beleza até mesmo nos momentos mais difíceis da vida.

Silvânia Tamer também ressaltou a importância da Academia Poética Brasileira em tempos marcados pela rapidez das informações e pela superficialidade das relações humanas.

Para a nova acadêmica, instituições como a APB exercem papel fundamental na preservação da sensibilidade, do pensamento crítico e da valorização da palavra como instrumento de transformação humana.



O presidente da OAB, Kaio Saraiva com Silvânia Tamer e Alberto Tavares entregando o diploma para Silvânia.



O presidente da OAB, Kaio Saraiva, acompanhado da advogada e esposa Lilliane Saraiva, com seu filho Vítor, Silvânia e Sergio Tamer



João Vítor Barros, Ana Alice Torres, Silvânia Tamer e a Promotora de Justiça Thereza Iglesias.



Leonardo, Com seus pais Iracilde e Almir Moura Fé, e Indianara Brito.



O advogado e escritor Alexandre Lago, a Promotora de Justiça Cristiane Lago, Silvânia e Sergio Tamer



Leopoldina Amélia, Rosinete Rêgo, Silvânia Tamer, Cristiane Lago e Veridiana Santos.



O presidente da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, Luís Augusto Guterres com o Prof. Alberto Tavares com Mhario Lincoln Santos



Sergio Tamer e Silvânia, com a Promotora de Justiça, Maria de Jesus e seu esposo, o advogado Felipe Heimann



A juíza Sara Gama, Silvânia Tamer e Raquel Gama



Silvânia Tamer com Eliane e Jorge Maciel



Silvânia com Andréa Matos



Silvânia com as cunhadas Elisa Lago e Keyla Marta.



Rosinete Rêgo e Silvânia Tamer



Fátima Mouchrek, Carmelita Meneses, Carminha Cabral e Silvânia Tamer

## Céus da Ilha

A manhã cristalina homenageou os homens de boa vontade e as mulheres que os conceberam.

Céu de puro oxigênio, azul profundo, as montanhas delineadas nas ilhargas do horizonte. O verão chuvoso às vezes reserva uma bela manhã de sol, digna do primeiro dia da Criação, só para lembrar aos homens como o clima já foi mais previsível.

A natureza anda neurastênica, numa espécie de carranca de verão – aquele calor estufado, caretas de trovoadas, o cenho contraído em Cumulus nimbus, o ar de transpiração e a terra expelindo brotos de grama da largura de um dedo, como se padecesse de excesso de hormônios.

A natureza anda pesada, com céu de tormenta e ameaça de chuva a toda hora. É o tal céu de carneão, de que nos fala Seu Riba, a carranca das Cumulus desenhando o proverbial mau humor da estação.

Verão de chuva é um suplício, uma consumição. Nele vigora um círculo atmosférico nada virtuoso. É nordestão papo-amarelo ou vento sul. Calorão e lestada. Como diziam os antigos:

– Lestada, mar de rebojo. Três dias de chuva e nojo.

Verão, tempo insalubre, com o perdão, claro, da jeunesses dorée e dos cavaleiros parafinados que deslizam, sobre pranchas, no lombo das águas da Ponta d'Areia, do Calhau e do Olho d'Água.

Tempo malsão, como deixou registrado em sua prosa magistral nosso Erasmo Dias, em Vindita Braba:

“Fazia um calor de trovoadas e, na suspiração, apercebia-se o cheiro de areia quente e de folhagens secas.”

O verão fazia as suas vítimas, incomodando humanos e animais, como se depreendia dos diálogos de Vindita:

– Não se assuste, que não é nada. Só carece levá-lo doente pra dentro de casa por modo do sereno. Isso talvez que seja do “calor”.

Assim, nesse delicioso matutês, está descrito o sacrifício a que o calor submetia os matutos rurais. Todos gostavam muito mais do outono e até do inverno, época de descompressão e refrigério, tempo de caju e de feijoada – e, não esquecer, peixe pedra!

Todos esperando por junho e suas festas populares, tempo de manhãs translúcidas, ideais para regar lembranças, instalar uma cadeira de balanço na varanda da memória – e lembrar que o nariz da baía de São Marcos estará aberto ao livre respirar, a salvo do carneão das nuvens.

## A geografia da memória

O dia claro deste junho que está começando, cheio de contrastes de cores, luz e sombra, com vento temperado a velocidade amena, me levam, pela lembrança, rua abaixo até o rio Anil, a beira-mar, a estrada. As pedras sendo esmagadas pelo tênis, o pé descalço, o sapato velho. A companhia dos colegas, junto aos quais nada podemos temer, nem os caras da outra zona, nem os cachorros, os loucos, as velhas, os muros. Íamos em direção ao grupo de mangueiras, árvore de farta sombra.

Agora, rente ao mar, revejo a sensação daquela vida que continua lá, gravada para sempre na geografia da memória, arquivo vivo de uma esperança que nos liga em algo maior, porque a paz de espírito é a certeza na vida eterna.

Dia bom para passeio, para ler na rede, para sonhar e dizer, como Churchill em plena Segunda Guerra, antes de dormir: ora, danem-se todos!

O mundo vai mal? O universo não se importa. O que é uma canelada diante da fofalha das estrelas? Filosofia barata, dirão, mas são esses pensamentos, embalados por leituras melhores do que conseguimos produzir, que fazem nosso dia e nos levam para longe, aqui mesmo, onde escolhemos viver.

Alguém nos leva até a plataforma. Damos um longo abraço e subimos no ônibus. Da janela, vemos a pessoa acenando enquanto damos ré até a reta que nos leva dali para nunca mais voltar. O poeta Déo Silva (nome literário do poeta e jornalista Raymundo Nonato da Silva) pega uma pedra retirada do fundo do rio Itapecuru, dá um suspiro e diz: esta pedra vai te acompanhar, ela vai te dar sorte.

Estávamos em Caxias. Reclamei que era um absurdo que os jornais de São Luís não fizessem uma ponte com o grande poeta dos versos ditos na praça, na rua e que vivia vagando em sua terra natal. Convidei-o para visitar O Estado e escrever para o suplemento “Sete Dias”, que eu havia lançado com o pretensioso slogan “Universidade da imprensa maranhense”. Ele ficou entusiasmado, generoso como era. Nunca mais vi o poeta depois que ele me presenteou com aquela pedra da sorte. Morreu na década seguinte e hoje é lembrado pelos seus conterrâneos com carinho e admiração.

Convivi com as melhores cabeças, porque tive sorte nesta minha passagem pela terra. Vitor Gonçalves Neto me encontra na rua e eu abraço seu corpo muito magro. Senti seus ossos quando o apertei, ele outrora tão influente e temido e agora ali, exangue, sofrendo longo martírio de saúde. Vi seu rosto encolhido depois, no velório, antes de partir para a eternidade. Quando vivemos um dia claro de outono, devemos lembrar o que nos brindaram com sua presença e nos fizeram melhores do que somos. As pedras do rio ringem quando colocamos nela nossos sapatos de jornada. É dia de pescar.

Fotos/Divulgação/



Carlos César Bandeira e Thatiana cortando o bolo do aniversário de 40 anos de feliz união matrimonial

## Polêmica na reta final do Oscar

A recente declaração do ator Timothée Chalamet sobre um suposto desinteresse público por apresentações de balé e ópera impôs um novo drama sobre uma das categorias mais disputadas do Oscar 2026.

Considerado entre os favoritos ao prêmio de Melhor Ator, o astro de Marty Supreme poderá sofrer represália



Eli Medeiros e Rose com os homenageados da noite, Thatiana e César Bandeira



Grupo reunido com Thatiana e César: Cida e José Aparecido Valadão, Eli Medeiros e Rose, Ana Lúcia Albuquerque e Amaro Santana Leite

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr



O empresário Felipe Fernandes, da RendMais Invest e ESA Empreendimentos, entre Marcos Marques e o famoso cantor Zezé di Camargo, na sede do grupo Acelerador Empresarial, em Alphaville (SP), oportunidade em que surgiram ótimas oportunidades de negócio a partir da conversa entre os três

## Junho na Faene

O calendário acadêmico da Faculdade de Negócios Faene segue movimentado neste mês de junho. Na semana que passou, os alunos da disciplina Inteligência Comercial e Engenharia de Vendas, desenvolvida em parceria com a Remax, concluíram mais uma etapa importante de sua formação, encerrando as atividades previstas para o módulo.

Enquanto isso, os estudantes da graduação se preparam para um dos momentos mais aguardados do semestre: as apresentações interdisciplinares. A iniciativa proporciona a exposição dos conhecimentos adquiridos em sala de aula por meio de projetos que conectam diferentes áreas do saber e estimulam a aplicação prática dos conteúdos estudados.

## Gestão de Pessoas em Ambientes Competitivos

A programação da pós-graduação também avança com novos desafios e oportunidades de aprendizado. Entre os destaques está a disciplina Gestão de Pessoas em Ambientes Competitivos, que será conduzida pela

professora Leticia Prado. O encontro abordará estratégias de liderança, desenvolvimento de equipes e gestão de desempenho, temas cada vez mais relevantes para organizações que atuam em mercados dinâmicos e competitivos.

Com uma agenda voltada à qualificação profissional e à formação de lideranças, a Faene mantém seu compromisso com a excelência acadêmica e a preparação de profissionais para as demandas do mercado.

## Camarote Ginga

São Luís já entrou em clima de Copa do Mundo e de São João. E neste sábado (6), na Arena Castelão, estreia o Camarote Ginga, espaço que promete transformar a festa em um ponto de encontro entre música, torcida, cultura popular e grandes experiências.

O projeto será inaugurado em uma noite histórica comandada por Bruno & Marrone e pelo projeto Dominguiho, fenômeno nacional liderado por João Gomes, Jota.pê e Mestrinho. A abertura marca o início de uma experiência inédita dentro do maior São João do mundo, conectando a energia da Copa do Mundo à força cultural nordestina.

## BOI DE MORROS INOVA COM MASCOTE

A celebração dos 50 anos do Boi de Morros ganhou um novo símbolo: a mascote Yandê, criada para aproximar crianças e jovens da cultura popular maranhense e fortalecer as ações de educação e preservação das tradições folclóricas do Maranhão.

O lançamento, que ocorreu na Noite da Indumentária, marca mais um capítulo da história do boi, reforçando seu compromisso de manter viva a herança cultural construída ao longo de gerações.

A personagem Yandê será utilizada em projetos educativos, ações em escolas, oficinas culturais e atividades voltadas ao fortalecimento da identidade cultural entre crianças e adolescentes. A apresentação da mascote foi recebida com entusiasmo por quem participou da Noite da Indumentária.

Além do lançamento da mascote, a Noite da Indumentária revelou ao público os figurinos que irão compor o espetáculo do grupo durante o São João de 2026. As indumentárias traduzem o tema deste ano "Alegrai-vos comigo" e reforçam o momento de celebração vivido pelo boi, que chega ao seu jubileu de ouro consolidado como uma das maiores referências culturais do Maranhão.



Fotos/Divulgação

Adriana Vieira (InterMídia) fará a palestra de encerramento do III Seminário Estadual de Direito do Saneamento do MA, sobre o tema "Licença Social para Operar (LSO), Reputação e Ambiental e a Gestão da Reputação da BRK MA"

## SEMINÁRIO ESTADUAL DE DIREITO DO SANEAMENTO

São Luís vai sediar, na sede da OAB - MA, no dia 9 de junho, um dos mais relevantes fóruns de discussão sobre infraestrutura, saúde pública e segurança jurídica do país: O III Seminário Estadual de Direito do Saneamento do Maranhão.

O evento gratuito mediante prévia inscrição via Sympla é uma realização conjunta do Instituto de Pesquisas e Estudos em Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística / IPEMIL e BRK, concessionária de água e esgotamento sanitário das cidades de São José de Ribamar e Paço do Lumiar.

O Seminário vai reunir profissionais do Direito, gestores públicos, acadêmicos, empresas do setor e

representantes da sociedade civil em torno de uma agenda considerada estratégica para o futuro das cidades brasileiras.

Na palestra de encerramento às 17h, a jornalista e especialista em ESG e Gestão de Reputação Adriana Vieira (InterMídia Comunicação) vai apresentar "A Relação entre Licença Social para Operar (LSO), Reputação e Ambiental - Case de Gestão da Reputação da BRK Maranhão", conectando comunicação estratégica, percepção social e sustentabilidade empresarial em projetos de infraestrutura. Um tema muito pertinente em tempos de tantas crises nas redes sociais.



O cantor Lucas Seabra vai abrir a temporada junina em grande estilo, cantando na Arena Castelão, neste sábado (6), antes dos shows de Bruno e Marrone e do projeto Dominguihos, com João Gomes, Jota.pê e Mestrinho